Torcendo fora do eixo: a efervescência de grupos de torcedores gays no futebol masculino brasileiro (1977-1989)

Cheering outside the axis: the effervescence of gay fan groups in brazilian men's soccer (1977-1989)

Lucas Barroso
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
lucas.barroso@ufrj.br
https://orcid.org/0000-0003-1853-3289

Recebido em: 02 de junho de 2025
Aceito em: 04 de agosto de 2025

Resumo:

O presente artigo visa atualizar o mapeamento de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no futebol masculino brasileiro das décadas de 1970 e 1980. O objetivo é ampliar o escopo de pesquisas anteriores, que se concentravam principalmente no eixo Sudeste-Sul e em clubes da elite esportiva. A pesquisa de cunho qualitativo, baseada em estudo de casos múltiplos, analisou jornais e revistas da época para compreender a origem, motivação, desenvolvimento, recepção e influências das agremiações. Foram descobertas mais de cinquenta iniciativas abertamente homossexuais em todas as regiões do Brasil. O estudo revela uma atuação mais capilarizada e diversificada desses movimentos do que se supunha, com novas descobertas em estados como Amazonas, Paraná, Bahia e Distrito Federal. Portanto, ao narrar essas experiências, esta pesquisa espera contribuir para o fortalecimento de uma historiografia que valoriza a diversidade no futebol.

Palavras-chave: Torcidas gays. Futebol brasileiro. Diversidade sexual. Historiografia do esporte. Imprensa.

Abstract:

This article aims to update the mapping of openly gay fan associations in Brazilian men's soccer during the 1970s and 1980s. The goal is to broaden the scope of previous research, which focused primarily on the Southeast-South axis and elite sports clubs. The qualitative research, based on multiple case studies, analyzed newspapers and magazines of the time to understand the origins, motivation, development, reception, and influences of these associations. More than fifty openly gay initiatives were discovered across all regions of Brazil. The study reveals a more widespread and diverse presence of these movements than previously thought, with new discoveries in states such as Amazonas, Paraná, Bahia, and the Federal District. Therefore, by chronicling these experiences, this research hopes to contribute to strengthening a historiography that values diversity in soccer.

Keywords: Gay fan groups. Brazilian football. Sexual diversity. Sports historiography. Press.

Introdução

O universo futebolístico masculino pode ser lido não apenas como um mero esporte, mas como um dos fundamentos construídos que estrutura as interações sociais e culturais da sociedade brasileira. Ele atua como um regulador de comportamentos masculinos e estabelece normas de convívio entre os homens, como pontuado por Freitas (2002). Esse cenário faz com que adeptos de um time, muitas vezes, sintam-se impelidos a reforçar estereótipos hegemônicos de masculinidade[1], contrastando-os com supostas características de falta de virilidade, passividade e feminização dos adversários.

Esse processo impõe um padrão de masculinidade que é branco, cisgênero e heterossexual (Souza, 1996), conferindo privilégios aos que se aproximam desse ideal e, sendo, segundo Rosostolato (2018), uma das violências sociais mais intransigentes na construção do sujeito e de suas subjetividades. Ao ser reproduzido, esse padrão resulta em violências, sejam elas simbólicas ou físicas, dentre as quais misoginia, machismo, binarismo e homofobia nas arquibancadas dos estádios, que são tidas como símbolo máximo de uma "dominação masculina" (Bourdieu, 2002).

Para ser considerado másculo dentro desse padrão, há a necessidade de rejeição de qualquer traço de homossexualidade e de elementos associados à feminilidade no comportamento e na aparência física. É, assim, uma ideologia que favorece certos grupos em detrimento daqueles que não se encaixam (Louro, 2000). Atributos dessa masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual, podem ser observados em cantos provocativos de torcidas brasileiras de cunho provocativo, falocêntrico e homofóbico, o que espelha a dificuldade de aceitação da homossexualidade nesse contexto (Souza, 1996).

Mesmo em um cenário esportivo de violência, é possível vislumbrar o aparecimento de manifestações dissidentes, visto a histórica resistência no ambiente do futebol (Pinto, 2018). É, portanto, nesta dinâmica tensa de *lutas por representações* que significados e símbolos formam uma certa cultura dissidente e, assim, ela se estabelece e dissipa-se no espaço hegemônico (Chartier, 1990).

[1] Por "masculinidade hegemônica", entende-se um conjunto de práticas que sustenta a dominação masculina, não apenas como um conjunto de papéis ou uma identidade, mas por meio de ações em oposição a algum modelo, quer real ou imaginário, de feminilidade. Ela se diferencia de outras masculinidades, como as subordinadas, e, embora adotada por uma minoria, tem caráter normativo (Connell; Messerschmidt, 2013).

Nesse cenário, Mandelli (2023) afirma que coletivos, equipes e competições recentes voltados a membros da comunidade LGBTQIAPN+[2] têm representado não apenas uma forma de engajamento político, mas também uma expressão criativa que promove o estabelecimento de redes de sociabilidade e resistência no esporte de massas. Conforme Chartier (1990) destaca, a análise dessas lutas por representações são vitais para a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo estabelece – ou tenta estabelecer – sua visão de mundo, seus princípios e suas esferas de influência.

Em 2013, foi noticiado o surgimento de diversas torcidas no Brasil intituladas como *queer*[3] na rede social *Facebook*. O surgimento de uma incentivou a criação de outras. Nesse período, Pinto e Almeida (2014) catalogaram onze páginas ativas de alguns dos principais times do Brasil: Galo Queer (Atlético Mineiro/MG); Cruzeiro Maria e Cruzeiro Livre (Cruzeiro/MG); Bambi Tricolor (São Paulo/SP); Palmeiras Livre (Palmeiras/SP); EC Bahia Livre (Bahia/BA); EC Vitória Livre (Vitória/BA); Furacão sem Homofobia (Athletico Paranaense/PR); Coxa sem Homofobia (Coritiba/PR); Grêmio Queer (Grêmio/RS); e Queerlorado (Internacional/RS).

Os criadores dessas comunidades receiam agressões físicas, pois frequentemente enfrentam hostilidades e ameaças de pessoas que os enxergam como transgressores da cultura tradicional do futebol. Esse medo leva alguns de seus membros a optarem por permanecer anônimos entre os torcedores tradicionais quando frequentam os estádios. Suas ações, portanto, estão ainda na etapa de elaboração de práticas discursivas de confronto à ideia de hegemonia masculina, estando restritas ao ambiente virtual.

O engajamento de iniciativas homossexuais não é um fenômeno recente, mas parte de um processo histórico de contestação que remonta, ao menos, há 40 anos, quando mudanças significativas começaram a redesenhar os modos de torcer e ocupar os estádios no Brasil. Nesse período, novas formas coletivas de organização entre torcedores emergiram como resposta ao conservadorismo dos espaços futebolísticos.

[2] A comunidade LGBTQIAPN+ é representada por uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/ Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais, que, por sua vez, faz menção a outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não se encaixam no padrão heterocisnormativo.

[3] Tereza de Lauretis (1991) foi a primeira teórica a utilizar o termo "queer" como conceito. Seu uso consolidou a transformação de um adjetivo antes visto negativamente em positivo, reafirmando corpos considerados "estranhos" como possibilidades transgressoras de identificação contra a heterossexualidade compulsória (Rich, 1993) e o binarismo hegemônico do gênero. "Os corpos *queer* se rebelam contra a própria construção de corpos normais e anormais, subvertendo normas de subjetivação vigentes" (Pereira, 2012, p. 373).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por uma efervescência de torcidas organizadas no futebol brasileiro. Esse movimento esteve inserido em um contexto de mudanças nas formas tradicionais de torcer. Hollanda (2008) aponta que o surgimento das chamadas Torcidas Jovens, sobretudo no Rio de Janeiro, esteve ligado ao espírito contestador dos anos 1960, visto tanto no Brasil quanto no mundo. Ao longo da segunda metade do século XX, as mudanças na frequência, no comportamento, no perfil e na relação dos frequentadores dos estádios brasileiros acompanharam as transformações socioculturais da época.

Nesse cenário, os anos finais da década de 1970 representaram o início de mudanças estruturais no esporte mais popular do país. Diversos eventos contribuíram para questionar o conservadorismo então vigente nos espaços futebolísticos, incluindo a Democracia Corinthiana (Martins; Reis, 2014), o crescimento da prática do futebol de mulheres (Silva, 2015) e o ativismo gay nos estádios (Pinto, 2018). Esses elementos, por sua vez, compuseram o período mais revolucionário do futebol brasileiro, nas palavras de Florenzano (2014).

Nessa perspectiva, os grupos associativos de torcedores assumidamente gays que surgiram no final dos anos 1970 podem ser vistas como iniciativas pioneiras na luta pelo direito de torcer (Pinto, 2018). Embora, naquela época, essas alas fossem compostas predominantemente por homens homossexuais cisgêneros, elas representaram um marco importante no futebol brasileiro de disassociação com um reduto másculo e heterossexual.

Até o momento, os estudos que se debruçaram sobre o fenômeno das primeiras iniciativas gays no futebol brasileiro identificaram a existência de, pelo menos, 22 grupos de torcedores no Sul, Sudeste e Nordeste do país entre as décadas de 1970 e 1980 (Gerchmann, 2014; Pinto; Almeida, 2014; Bandeira; Seffner, 2017; Anjos, 2018; Pinto, 2018; Elias; Lima, 2018; Rudá, 2024).

Apesar dos avanços recentes na historiografia do futebol e da ampliação dos olhares sobre as dissidências de gênero e sexualidade, verifica-se que ainda há uma concentração majoritária dos estudos nos grandes centros do eixo Sudeste-Sul, sobretudo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, e nos clubes da elite esportiva do país.

Nessa direção, a presente pesquisa busca ampliar significativamente esse panorama ao mapear mais de cinquenta movimentos abertamente homossexuais

organizados em todas as regiões do Brasil nesse período, revelando uma atuação mais capilarizada e diversificada do que se supunha até então. Nessa revisão, há ainda a inclusão de novos estados como Amazonas, Paraná, Bahia e Distrito Federal.

Assim, este artigo tem como objetivo apresentar essas novas descobertas, oferecendo um panorama atualizado e abrangente da origem dos agrupamentos gays, bem como suas formas de organização, estratégias de resistência e influências no cenário futebolístico local e nacional, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre inclusão, representatividade e democratização dos espaços esportivos.

Nas páginas da imprensa: pistas e percursos metodológicos

A presente pesquisa é estruturada a partir de uma investigação qualitativa (Aires, 2011), baseada em um estudo de casos múltiplos (Yin, 2005), dada a finalidade de ampliar o panorama de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no futebol brasileiro em todas as regiões do país entre as décadas de 1970 e 1980.

Foram analisados jornais e revistas da época. Quanto a essas fontes, Luca (2008) destaca que a imprensa não apenas registra fatos, mas também participa ativamente da construção de sentidos e da mobilização da opinião pública. Ao analisar os periódicos, é possível escrever uma história dos, nos e por meio deles, compreendendo seu papel social e sua influência na forma como as informações são classificadas e interpretadas em dado período histórico.

Dias e Gomes Júnior (2020) afirmam que a imprensa especializada no futebol é conivente com a perpetuação de uma concepção única de masculinidade no esporte, ao legitimar a homofobia, o machismo e a misoginia enquanto prática dominante. Nesse caminho, analisar jornais e revistas da época é um importante caminho para a compreensão da origem, a motivação, o desenvolvimento, a recepção e as influências dos movimentos analisados.

Para a realização da pesquisa, foram consultados os acervos disponibilizados digitalmente da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, da revista *Placar*, do *Lampião da Esquina*, do *Estadão*, da *Folha de São Paulo* e d'*O Globo*. O recorte temporal adotado delimitou o período entre 1970 e 1989.

O levantamento inicial dos dados foi feito a partir da utilização de termos genéricos e amplos, como "torcida gay" e "gay futebol", pesquisados de forma isolada

em cada acervo, visando localizar notícias, colunas, reportagens e menções gerais.

Na sequência, o processo metodológico foi refinado com a pesquisa específica pelos nomes identificados dos movimentos localizados e por palavras-chave relacionadas a ele, incluindo o posterior cruzamento com os nomes dos seus respectivos clubes de futebol.

Nos seis acervos digitais consultados, foram identificadas 240 menções a iniciativas que se autodenominavam gays. Cada uma dessas ocorrências foi catalogada, referenciada e transcrita em um único documento, sendo, em seguida, agrupada por região e clube de referência.

Posteriormente, esse conjunto documental foi analisado à luz da literatura especializada, a fim de possibilitar o cruzamento entre os dados encontrados na imprensa e os referenciais teóricos que tratam da presença e da representação homossexual no universo futebolístico brasileiro.

Essa combinação possibilitou a construção de um panorama abrangente e consistente sobre a temática estudada. Com isso, pretende-se oferecer uma contribuição significativa para a compreensão das representações da diversidade sexual no futebol brasileiro durante as décadas de 1970 e 1980.

Entre censura, futebol e desbunde: o brasil que viu nascer as sociabilidades gays no esporte

Durante a década de 1970, o Brasil viveu um período de fortes contrastes entre repressão política e efervescência cultural. Em meio à ditadura militar e ao endurecimento promovido pelo Ato Institucional nº 5, a cultura tornou-se um campo de disputa simbólica. A censura atuava de forma implacável sobre peças teatrais, músicas, livros e veículos de imprensa, impedindo o debate crítico e a circulação de ideias dissonantes. No entanto, artistas, intelectuais e movimentos alternativos encontraram brechas para subverter a ordem oficial, reconfigurando o papel da cultura na contestação política (Rollemberg, 2006; Santos, 2009).

A censura acontecia sobretudo nos conteúdos de programação da televisão, com campanhas explícitas contra a homossexualidade. O caso mais emblemático aconteceu em 1972, quando figuras vistas como “afeminadas” foram retiradas dos programas de auditório. Entre os alvos estiveram Clóvis Bornay, famoso nos concursos de fantasias do

carnaval carioca, Denner Pamplona e Clodovil Hernandez, estilistas conhecidos, acusados de “ameaçar a moral” e “influenciar negativamente a juventude” (Green; Quinalha, 2018).

Durante esse período, o futebol foi amplamente instrumentalizado como ferramenta de propaganda política. O regime ditatorial utilizou o esporte mais popular do país para projetar uma imagem de unidade nacional, progresso e estabilidade. A conquista do tricampeonato mundial em 1970 foi central nessa estratégia, sendo transformada em símbolo do sucesso do governo. Por meio da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), a ditadura associou diretamente o desempenho da Seleção Brasileira à figura do presidente Emílio Garrastazu Médici, explorando sua paixão declarada pelo futebol e construindo um imaginário de proximidade entre governo e povo (Magalhães, 2011; Guterman, 2004).

A criação do Campeonato Nacional de Clubes em 1971, financiado pelo governo, também integrou essa lógica, promovendo integração territorial e servindo como moeda política, especialmente em regiões com pouca adesão à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido do regime (Magalhães, 2011). Apesar da narrativa de harmonia promovida pelos militares, o futebol manteve-se como espaço de tensões, com resistências de jogadores, torcedores e clubes que, mesmo sob vigilância, expressaram críticas e divergências. Assim, o futebol não foi apenas vitrine do regime, mas também campo de disputas simbólicas e políticas.

Nesse contexto, as arquibancadas tornaram-se espaços de contestação, onde manifestações contra o regime ecoavam entre os gritos de apoio aos times. O surgimento das torcidas organizadas nos anos 1970 insere-se nesse cenário de resistência, consolidando-se como um movimento que não apenas redefiniu a relação dos torcedores com os clubes, mas também representou novas formas de mobilização coletiva.

O Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza foram os principais pólos desse movimento, que refletia as mudanças socioculturais da juventude e a politização dos espaços públicos (Pinheiro, 2014; Hollanda; Canale, 2021). As chamadas Torcidas Jovens surgiram em meio a tensões com dirigentes de clubes e à necessidade de uma identidade coletiva forte entre os jovens torcedores. Exemplos como a Torcida Jovem do Flamengo e os Gaviões da Fiel mostravam um novo tipo de militância esportiva, ora em oposição às diretorias, ora alinhada a elas.

Ao longo da década de 1970, a expansão das torcidas organizadas levou à criação de estruturas de articulação coletiva, como a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP), em 1976, e do Rio de Janeiro (ASTORJ), em 1981 (Hollanda; Canale, 2021). Esses fóruns buscavam representar os interesses dos torcedores organizados e reduzir conflitos entre eles, ao mesmo tempo em que constituíam uma instância de diálogo com o sistema futebolístico.

Paralelamente, as torcidas expressavam uma identidade juvenil marcada por práticas culturais próprias – músicas, vestimentas, símbolos e rituais – que as distinguia de outros grupos sociais (Magnani, 2005; Martins, 2024). Esse espírito contestador também reverberou em iniciativas como a Democracia Corinthiana, movimento liderado por jogadores como Sócrates e Casagrande entre 1978 e 1984. Com apoio da direção do clube, implementou-se uma gestão participativa e democrática, em um contraponto à hierarquia autoritária que dominava tanto o futebol quanto a política nacional (Duarte; Tureta, 2008).

Nesse cenário, o ato de torcer passou a refletir não apenas paixões esportivas, mas também conflitos sociais. No ambiente das torcidas organizadas, os indivíduos vivenciavam um senso de coletividade que evidenciava as tensões e dinâmicas do período, incluindo questões de masculinidade, machismo e violência (Damo, 2001; Nascimento, 2007). A agressividade e a competitividade, frequentemente exaltadas nesse meio, reproduziam problemas estruturais da sociedade, mostrando como o futebol é um reflexo de seu tempo (Bobbio, 1995; Murad, 2017).

Diante desse panorama, o futebol emergiu como um espaço de múltiplas disputas e significados durante a ditadura militar no Brasil. Enquanto o regime buscava instrumentalizar o esporte como ferramenta de propaganda e controle social, as arquibancadas e os campos tornaram-se locais de manifestação política, em que diferentes grupos expressavam suas identidades, bem como suas insatisfações.

Nesse cenário, as torcidas organizadas abriram caminho para manifestações identitárias que desafiavam as normas impostas pela sociedade conservadora da época. Esses movimentos revelaram-se, assim, um reflexo das transformações socioculturais vividas pelo país, em que a paixão pelo futebol se entrelaçava com o desejo por maior participação e expressão dentro e fora dos estádios.

Junto desse cenário, também surgiu uma rede estruturada de atividades para monitorar a repressão de gênero e sexual durante a ditadura, quando coletivos, como o

Grupo Gay da Bahia (GGB), começaram a coletar e divulgar dados sobre os assassinatos de homossexuais, lésbicas e travestis. O coletivo foi fundado em 1980 pelo antropólogo e professor Luiz Mott, funcionando sem cessar desde a sua fundação. Outros movimentos surgiram nesse mesmo período no país.

Um deles foi o *Lampião da Esquina*, um jornal carioca em formato tabloide. Fez parte da imprensa alternativa[4] que circulou durante a ditadura militar brasileira, abordando temas invisibilizados pela grande imprensa no período, como os desafios, avanços e recuos relacionados a vivências homossexuais, transexuais, feministas, negras, indígenas e ambientalistas. Seu conselho editorial composto por profissionais experientes e de perfil intelectual publicou 38 edições mensais de abril de 1978 a junho de 1981.

De forma concomitante ao periódico, o grupo Somos foi fundado em São Paulo em 1978 com a proposta pioneira de criar um espaço de encontro e discussão para homossexuais, aliando identidade coletiva, autoconhecimento e uma forma própria de fazer política. Sua atuação rompeu com a lógica da esquerda tradicional, defendendo que a vida privada e sexualidade também eram atos políticos, contribuindo de forma decisiva para o nascimento do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

O movimento era composto exclusivamente por homens, passando posteriormente a ser frequentado por mulheres, que se organizavam em um grupo separado, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF). Junto a eles, surgiram também Eros (SP), Libertos (Guarulhos/SP), AUÊ (RJ) e Beijo Livre (Brasília/DF), além de filiais do Somos no Rio de Janeiro e Sorocaba

No início dos anos 1980, o MHB enfrentou divergências internas, culminando no rompimento do GALF com o Somos/SP, motivado pela insatisfação com o machismo presente no movimento (Fernandes, 2017). A crise também foi agravada pela saída de militantes insatisfeitos com uma suposta influência do grupo de esquerda Convergência Socialista (CS) no grupo paulista.

Outro elemento que causou uma retração no movimento foi o impacto da epidemia de HIV/Aids, que exigiu uma reorientação estratégica em torno de buscas de apoio do Estado, sem abandonar a valorização da identidade homossexual (Fry; Macrae,

[4] Araujo (2000) define a imprensa alternativa como jornais de oposição ao regime ditatorial militar que, nos entremeios da legalidade, veiculavam pontos de vista de intelectuais de esquerda, militantes e organizações políticas silenciadas pela repressão, denunciando a violência e arbitrariedade cometidas pelas instituições militares contra grupos marginalizados.

1991; França, 2006). Essa análise mostra como as lutas coletivas, a construção de redes de sociabilidade e o ativismo cultural e político nos anos 1970 e 1980 prepararam o terreno para a segunda fase, voltada à organização institucional e à conquista de direitos civis (Green, 2015; Simões; Facchini, 2009).

Essas experiências, ao desafiarem normas de gênero e sexualidade, dialogavam diretamente com o espírito do chamado "desbunde" da época, que marcou uma geração em busca de novas formas de liberdade e experimentação cultural. O "desbunde", segundo Trevisan (2000), diz respeito à maneira como uma parte da juventude enfrentava a liberalização cultural nos anos 1970, sem se associar diretamente a partidos de esquerda ou direto, sendo influenciada, por exemplo, pela modernização refletida no teatro e música nacionais.

As primeiras manifestações homossexuais no futebol brasileiro estão, portanto, intrinsecamente ligadas a essas transformações históricas e culturais. Ao inserir essas experiências no cenário das lutas sociais e políticas da época, é possível reconhecer o papel do futebol não apenas como palco de resistência ao autoritarismo, mas também como terreno de contestação e expressão de novas formas de pertencimento e diversidade, que também estava florescendo no país.

Grupos associativos de torcedores gays de sul a norte do brasil

O espírito contestador do final dos anos 1960, simbolizado especialmente por 1968, foi marcado por profundas críticas à ordem política, social e cultural vigente. Movimentos estudantis, operários e de minorias explodiram em diversas partes do mundo, articulando pautas democráticas, identitárias e de transformação estrutural. Essa onda de rebeldia não ficou restrita a um momento isolado: atravessou fronteiras e reverberou nos anos 1970 (Ridenti, 2018).

Em 1978, por exemplo, a sociedade inglesa assistiu ao primeiro time de futebol formado exclusivamente por homossexuais do país estrear na liga regional de Sussex[5], o que abriu precedentes para a criação de campeonatos específicos para a comunidade. No ano seguinte, o movimento alcançou os países sul-americanos, quando no Peru, foram

[5] INGLATERRA já tem seu time "gay". **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 116, p. 26, 2 ago. 1978.

criadas iniciativas associativas de torcedores gays no Universitario de Deportes e Alianza Lima[6].

No Brasil, também surgiram novas formas de expressão de gênero e sexualidade que superavam os estereótipos do gay efeminado, da travesti e da lésbica masculinizada. Diversas pessoas, que não se identificavam como homossexuais, começaram a adotar *performances* alternativas às fronteiras entre masculinidade e feminilidade.

Entre o final dos anos 1970 e ao longo da década de 1980, o futebol brasileiro também vivenciou uma intensa movimentação com o surgimento de agrupamentos de torcedores gays em diversas partes do país. A presença de homossexuais nos estádios já existia antes, seja individualmente ou em torcidas convencionais. O que diferenciou esse período, porém, foi a organização coletiva em torno de um determinado clube.

Essas iniciativas resultaram na formação de mais de cinquenta iniciativas assumidamente homossexuais, ligados tanto ao futebol profissional quanto ao amador, sendo registradas por diferentes veículos da imprensa regional e nacional em todas as cinco regiões brasileiras.

O panorama de todas essas iniciativas, com suas particularidades locais, personagens marcantes e diferentes formas de expressão, está detalhado a seguir, evidenciando a diversidade e a capilaridade desses movimentos no cenário futebolístico brasileiro do período.

Onde tudo começou: a Coligay e seus legados no Sul

O primeiro agrupamento de torcedores abertamente homossexuais de futebol do país foi a Coligay, que pertencia ao Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense. Essa organização inaugurou sua presença em uma partida contra o Santa Cruz pelo campeonato gaúcho, no dia 10 de abril de 1977, no Estádio Olímpico Monumental, em Porto Alegre (RS). A inspiração para o nome veio da boate Coliseu[7], voltada ao público homossexual, que não possuía muitas opções de diversão na capital do estado.

A imprensa local e nacional reportou o surgimento do movimento em larga

[6] UMA onda mundial. **Diário de Natal**, n. 10.909, Natal, 10 dez. 1979, p. 11.

[7] A boate Coliseu ficava localizada na Avenida João Pessoa, 1281, em Farroupilha, Porto Alegre (RS). O nome fazia referência a arquitetura do local. Gerida por Volmar Santos, era considerada a mais bela casa noturna voltada para o público homossexual do país (Anjos, 2018). De 1977 até o ano de seu fechamento, em 1980, também foi a sede oficial da torcida Coligay. Seu espaço foi desativado e, hoje, abriga uma autoescola.

escala. Sua presença nas arquibancadas em jogos contra Internacional (17/04/1977 e 08/05/1977), Novo Hamburgo (15/05/1977), Brasil de Pelotas (10/09/1979), América-RJ (14/10/1979) e Flamengo (18/11/1979) foi noticiada pela *Placar*[8], *Lampião da Esquina*[9], *A Tribuna*[10] e *O Globo*[11].

Além disso, um pouco mais de um mês depois da criação do movimento, a revista *Placar*[12] publicou, em sua 370º edição do dia 27 de maio de 1977, uma matéria dedicada de três páginas intitulada "Para o que der e vier" e assinada pelo jornalista Divino Fonseca sobre a Coligay[13]. Elias e Lima (2018) analisam o excerto a partir de uma ótica discursiva crítica. Ainda que fizesse referência ao hino do clube, as autoras apontam que o título era, em sua essência, ambíguo e provocativo, enquanto relatos preconceituosos de torcedores, palavras e frases pejorativas rechearam o texto de homofobia explícita.

O então presidente do Grêmio, Hélio Dourado (1930-2017), tutelou, de forma comedida, a presença da Coligay nas arquibancadas. Após ser procurado pelo grupo em busca de autorização oficial, emitiu a seguinte declaração: "Quando eles vieram me procurar para pedir autorização, eu até disse: se todos os gays fossem gremistas seria ótimo, pois isso aumentaria a torcida e lotaria os estádios" (Jogo…, 1979, p. 88).

Porém, as duas torcidas oficiais do clube, Eurico Lara e Força Azul, foram reticentes à existência da ala, a primeira demonstrou maior resistência, enquanto a segunda aceitou a presença de forma mais pacífica. Em seu início, os integrantes da iniciativa enfrentaram xingamentos, olhares maldosos, piadas e até apedrejamento, o que demandou ações práticas por parte de Volmar Santos para a legítima defesa, conforme relatado em entrevista concedida a Gerchmann (2014):

[8] INTER ganha sem festa. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 368, p. 13, 13 maio 1977.
[9] MASCARENHAS, João Antônio. Noticiário esportivo (2). **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 14, 25 jul./25 ago. 1978.
[10] MOSAICO. **A Tribuna**. São Paulo, n. 50, p. 16, 15 maio 1977.
[11] TORCIDA Gay, uma atração a mais. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 4, 10 set. 1979; AMÉRICA vence o Grêmio no Sul e continua invicto. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 out. 1979, p. 5; COUTINHO 2 x Paulo César 0. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 nov. 1979, p. 9.
[12] Lançada em 20 de março de 1970, às vésperas da Copa do Mundo no México, a revista Placar surgiu como um periódico semanal especializado em esportes, tendo Pelé como destaque de sua primeira edição. A primeira edição vendeu mais de 200 mil exemplares (Elias; Lima, 2018, p. 60). Inicialmente, suas vendas cresceram impulsionadas pelo desempenho da Seleção Brasileira, mas despencaram após o torneio, exigindo novas estratégias de mercado. Ao longo dos anos, o periódico passou por diversas reformulações, tornando-se exclusivamente voltada ao futebol (Salvini; Júnior, 2013).
[13] FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.

> Inclusive, sugeri que fizessem aulas de caratê para eventualidades, se precisássemos, para enfrentar os machões (os integrantes da torcida chegaram a frequentar uma academia e aprenderam golpes que lhes foram muito úteis em algumas circunstâncias, usados estritamente como forma de defesa pessoal) (Santos *apud* Gerchmann, 2014, p. 74).

Mesmo com a presença da violência, a influência dessa iniciativa transcendeu rivalidades, atraindo simpatia de torcedores do principal rival do clube. Outros adeptos buscaram integrar a organização devido à representatividade da Coligay, embora a condição de ser gremista fosse essencial para participação. Isso levou à criação, por parte de torcedores do Internacional, da efêmera Interflowers, em alusão à boate *Flowers*[14], no ano de 1977, o que gerou um movimento de rechaço de outros aficionados do clube[15] e de veículos da imprensa[16].

A presença fervorosa desses torcedores nas arquibancadas desafiou a norma estabelecida de torcer de forma máscula e viril, por meio da introdução de manifestações coloridas, vibrantes e únicas. Seu objetivo era impulsionar os jogadores com charangas, cartazes e ornamentos nos estádios. Suas *performances* nos estádios gaúchos envolviam trajes característicos, como túnicas com o nome do time.

Com os bons resultados, a resistência à ala foi diminuindo, e os mais intolerantes se afastaram do local onde os torcedores permaneciam em dia de jogos, permitindo que o movimento, aos poucos, ocupasse um pequeno – mas simbólico – espaço nas arquibancadas gaúchas. Em 1977, contava com cerca de 60 membros. Três anos depois, seu número de torcedores registrados chegou a 200 (Elias; Lima, 2018).

A vibração e o embalo animado desse movimento fizeram com que recebessem a fama simbólica de "pé-quente" por veículos de imprensa, tendo em vista o simbolismo de suas contribuições para o período mais glorioso da história do clube[17]. Nesse contexto, Gerchmann (2014) pontua a mística criada em torno da Coligay para a retomada da conquista de títulos importantes para a equipe, como a reconquista do campeonato gaúcho, em 1977, e a quebra da hegemonia estadual do seu principal rival.

Com uma recepção comedida de jogadores e dirigentes técnicos, a primeira

[14] Inaugurada em 8 de maio de 1971, a boate *Flowers* funcionava em frente à Praça Jaime Telles, no bairro Partenon, em Porto Alegre (RS). Sua fundação é atribuída a Dirnei Messias. Foi a primeira casa noturna assumidamente voltada para o público *gay* da capital. Por pouco tempo, foi a principal concorrente do Coliseu. Em 1976, após constantes atritos com os militares, mudou de endereço e três anos depois fechou as portas.
[15] BACON, Rogério. Coligay (I). **Placar**. Rio de Janeiro, n. 373, p. 33, 17 jun. 1977.
[16] FUTEBOL de esquina. **Cidade de Santos**. São Paulo, n. 3568, p. 12, 23 jun. 1977.
[17] WODTKE, Marina. Gavião? Eu, hein! **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 13, 25 out. 1977.

geração da iniciativa existiu entre os anos de 1977 e 1983. A partir desse período, o novo presidente foi Plínio de Oliveira. Já em 1987, o novo presidente passou a ser Frey Rocha e o movimento passou a estar vinculado à boate Pantheon. No segundo momento, chegou-se até a cogitar a criação da Intergay para reunir os torcedores homossexuais do rival, Internacional.

A Coligay ocupa um papel central na história das Torcidas Organizadas no Brasil, mesmo sem ter sido a primeira, a maior ou a mais duradoura (Damo, 2018). Sua singularidade a torna única e ainda relevante. Embora compartilhe características comuns a outros movimentos, sua trajetória apresenta particularidades que a distinguem, garantindo-lhe um lugar de destaque na história nacional das práticas torcedoras.

Na década de 2010, Bandeira e Seffner (2017) visualizaram um certo "retorno" do imaginário da Coligay na memória coletiva dos torcedores do Grêmio. Neste período, houve a publicação de um livro (Gerchmann, 2014) e de um média-metragem (Guindani, 2016), além da escrita de uma tese de doutorado (Anjos, 2018). Além disso, o clube reconheceu oficialmente a iniciativa em seu museu inaugurado em princípios de 2016 no novo estádio. Mesmo assim, os autores ainda não vislumbravam a possibilidade de seu retorno oficial.

Em abril de 1981, a revista *Placar* anunciou a criação de um segundo grupo associativo de torcedores assumidamente gays da história do tricolor gaúcho: a Explosão Tricolor. A ala era independente, orgânica e admitia apenas jovens naquele período[18]. Até o momento, não foram encontrados registros oficiais de que a iniciativa teria estreado nas arquibancadas brasileiras.

Coletas realizadas por Anjos (2018) no acervo do jornal *Zero Hora* identificaram movimentos semelhantes em outros clubes do estado que foram influenciados pela Coligay, dentre eles: Maré Vermelha, do Esporte Clube Internacional (Santa Maria, RS), que estreou em jogo contra o Esporte Clube Juventude[19]; Zé Gay, do Esporte Clube São José; Leão-Gay, do Sport Club São Paulo[20]; e Lobogay, do Esporte Clube Pelotas.

A Maré Vermelha surgiu em Santa Maria (RS), no final dos anos 1970. Foi formada por torcedores homossexuais ligados ao Esporte Clube Internacional, que

[18] CRIADA. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 571, 24 abr. 1981, Sem pulo, p. 48.
[19] MARÉ... **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 46, 4 jun. 1979.
[20] ESTÁ nascendo a "Leão-Gay", a nova torcida do São Paulo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 40, 19 out. 1979.

buscavam um espaço de convivência e visibilidade nas arquibancadas, em contraste com a lógica masculina e excludente do futebol da época. Seu nome foi inspirado na tragédia ambiental da "maré vermelha" ocorrida em 1978, no litoral sul gaúcho, quando diversos animais apareceram mortos após o naufrágio do navio Taquari, carregado de resíduos tóxicos. Além das arquibancadas, muitos de seus integrantes também participavam da Ala Maravilha no carnaval local, formando uma rede de sociabilidade (Silveira, 2021).

O grupo existiu por cerca de doze anos nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas e marcou o início da organização homossexual em Santa Maria, deixando um legado para os movimentos locais. Seu fim não se deu de forma brusca, mas por uma combinação de fatores: envelhecimento dos participantes, falta de renovação, mudança de interesses e conflitos internos, incluindo episódios de desentendimentos com dirigentes do clube (Silveira, 2021).

Ao longo desses anos, essas alas gaúchas influenciaram o surgimento de outras iniciativas tanto no próprio estado quanto no Paraná, dentre elas: a Pe-Gay, também do Esporte Clube Pelotas (RS); a Cori-Gay, do Coritiba Foot Ball Club (PR); a Color-Gay, do Colorado Esporte Clube (PR); a Rubro-Gay, do Club Atlético Paranaense (PR); e a Londri-Gay, do Londrina Esporte Clube (PR), que seria a precursora no estado[21].

Em Londrina, o *Paraná Repórter* também noticiou a tentativa de criação de outro movimento no principal clube da região: a Tubagay. A ação foi amplamente divulgada na imprensa local, especialmente às vésperas da partida contra o Flamengo, pelo Campeonato Nacional de 1979. O principal entusiasta da iniciativa foi o cronista esportivo Rubens Fernando Cabral, que chegou a anunciar encontros da iniciativa por meio do rádio e até levou um suposto representante à televisão.

Prometida como uma das grandes atrações do jogo, o agrupamento, composto por gays e travestis do município, acabou não se concretizando. Nenhum integrante apareceu no estádio, o que foi interpretado por alguns como medo de represálias e violência. Uma travesti chegou a afirmar que só participaria da organização caso houvesse organização adequada e proteção policial[22].

O pioneirismo do Rio Grande do Sul na formação de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no futebol brasileiro revela, portanto, uma vanguarda

[21] MOVIMENTO "gay" ganha adesões no futebol. **Jornal da República**. Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.
[22] TUBAGUEI foi só frescura. **Paraná Repórter**, Londrina, n. 1, fev. 1980, p. 16.

marcante na contestação dos padrões normativos de gênero e sexualidade nas arquibancadas brasileiras. A Coligay, surgida no coração do estado, abriu caminho para outras experiências semelhantes em outras regiões do país, como se verá a seguir.

Entre Fla-Gay, Baleia Gay e Bra-Gay: o florescer gay no Sudeste

Em entrevista à *Placar*[23], em 27 de maio de 1977, Volmar Santos, líder da Coligay, anunciou que o Cruzeiro também possuiria uma iniciativa similar, a Raposões Independentes: "Já ouvi dizer que nossa idéia não é original, que o Fluminense tem a Flu-Gay e o Cruzeiro uns tais de Raposões Independentes. Não tem importância, não estamos aqui por vaidade, para aparecer - mas para torcer à nossa maneira" (*apud* Fonseca, 1977, p. 49). Esse anúncio gerou uma repercussão negativa com um integrante do movimento, que afirmou que o grupo não era homossexual[24].

No mesmo período, também foi noticiada uma dissidência no Rio de Janeiro, chamada de "Raposetes Independentes", quando o torcedor Edson Lima Filho foi à *Placar* informar que o movimento já possuía 26 integrantes no final daquele ano[25]: "Estamos contentíssimos, pois desde 1975 lutamos pela organização de nossa torcida, e sempre esbarrávamos na falta de verba e no medo dos rapogays em assumir. Afinal, vitória!" (Lima Filho, 1977, p. 51).

Antes mesmo desses anúncios, o Rio de Janeiro já possuía seu agrupamento gay: a Força Amor Azul, do Goytacaz Futebol Clube. Coletas realizadas por Anjos (2018) no acervo do jornal *Zero Hora* identificaram que o periódico informou, em 15 de maio de 1977, a presença dessa ala no clássico da cidade de Campos dos Goytacazes contra o Americano Futebol Clube[26].

No mês seguinte, *O Globo* anunciou a estreia de outra iniciativa no futebol carioca: a Fire-Gay, do Botafogo de Futebol e Regatas. O periódico anunciou, inclusive, que seu debute nas arquibancadas do Estádio do Maracanã estava previsto para o início do segundo turno do campeonato carioca de futebol, em partida contra o Campo Grande

[23] FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.
[24] CARVALHO, Sérgio A. Os raposões falam grosso, sim senhor. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 371, p. 61, 3 jun. 1977.
[25] LIMA FILHO, Edson. Os polivalentes da arquibancada. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 400, p. 51, 23 dez. 1977.
[26] TORCIDA MUITO louca. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 47, 15 mai. 1977.

Atlético Clube, em 23 de julho[27]. Torcedores chegaram a saudar a fundação do movimento no periódico[28]. Não foram encontrados registros de estreia.

No ano seguinte, foi noticiada, em outubro de 1978, a criação de outra organização similar no estado, a Flu-Gay (ou Gay-Flu), vinculada ao Fluminense Football Club. O *Jornal dos Sports*[29] noticiou que o movimento fez a estreia em estádios no mesmo mês, trazendo a tradicional chuva de pó-de-arroz para saudar os jogadores e uma enorme faixa em homenagem ao zagueiro Edinho e ao volante Kleber[30].

Em outubro de 1979, surgiu uma organização homossexual da grande torcida do Clube de Regatas do Flamengo (RJ), chamada de Fla-Gay, sendo liderada pelo jornalista Pedro Paradella, em parceria com o carnavalesco Clóvis Bornay. A idealização desse movimento, que datava desde setembro de 1977, visava incentivar as campanhas do time carioca com uso de adornos coloridos típicos do carnaval, como plumas e paetês.

Desde o início, essa iniciativa não recebeu a devida credibilidade, legitimidade e reconhecimento no âmbito futebolístico fluminense. Foi tratada por torcedores e jornalistas com tons de exotismo, gozação e caricaturismo (Pinto, 2018). No dia que seria sua estreia em estádios, em um clássico com o *Fluminense Football Club*, o então presidente do Flamengo, Márcio Braga, pediu reforço de segurança para o 6º Batalhão da Polícia Militar. O Conselho Diretor do clube vetou a nova ala[31].

A Fla-Gay mudou o dia de sua estreia para o jogo contra o Vasco da Gama no dia 28 de outubro[32] e, posteriormente, contra o Botafogo no dia 4 de novembro[33]. Porém, a repressão só aumentou: quase todos os chefes de torcida organizada do clube ameaçaram publicamente o movimento, incluindo José Vaz, da Dragões Rubro-Negro, Ricardo Muci, da Flamante, e os principais integrantes da Raça Rubro-Negra[34].

Além disso, notas e reportagens do *Jornal dos Sports* revelam um esforço

[27] GLORIOSA torcida. **O Globo**. São Paulo, p. 4, 23 jun. 1977.
[28] MACHADO, William. Bate-papo com os amigos. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 22, 21 ago. 1978.
[29] No Rio de Janeiro, o Jornal dos Sports surgiu em 1931, tornando-se o primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte no Brasil. Fundado por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, foi vendido em 1936 ao jornalista Mário Filho, sob cuja gestão o jornal alcançou uma hegemonia que durou cinco décadas. Durante a década de 1970, foi considerado o diário esportivo mais popular do estado, sendo conhecido popularmente como Cor-de-Rosa. O periódico começou, porém, a perder relevância e influência ao longo dos anos 1990, culminando no encerramento de suas atividades em 2010 (Hollanda, 2012).
[30] DOIS toques. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 14.960, p. 3, 16 out. 1978.
[31] MÁRCIO pede proteção contra a Fla-Gay. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15316, 13 out. 1979, p. 14.
[32] BATISMO da "Fla-Gay". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 186, p. 13, 11 out. 1979.
[33] BREVE introdução à fauna das praias cariocas. **Jornal da República**. São Paulo, n. 59, 2 nov. 1979, p. 11.
[34] FLA-GAY ameaçada antes de nascer. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 36, 12 out. 1979.

editorial para apresentá-la como algo fora do contexto do futebol, descrevendo-a mais como uma preparação para um desfile de fantasias ou de uma escola de samba do que como um grupo de torcedores que iria às arquibancadas para apoiar seu time. Essa representação caricata contribuiu para gerar um sentimento de rejeição, manifestado pelos leitores do jornal (Pinto, 2018).

A organização até contou com o apoio público de artistas influentes na época, como a cantora Clara Nunes[35] e a atriz Sônia Braga[36], porém a homofobia explícita de torcedores, jornalistas e dirigentes culminou em sua dissolução fulminante. Seu fundador, inclusive, chegou até a ser agredido durante a gravação do programa *Operação Esporte*, da Televisão Tupi, após uma discussão sobre a criação do movimento. Após o incidente, Paradella registrou queixa[37].

Ainda que não tivesse conseguido se estabelecer nas arquibancadas da forma que idealizava, a Fla-Gay marcou a história do futebol e influenciou tentativas similares. Mesmo com a repressão, o jornalista Alceste Pinheiro chegou a afirmar, no *Lampião da Esquina*[38], que existiam homossexuais organizados em uma outra torcida organizada reconhecida pelo clube, a Flamor, e que eles estariam se mobilizando para a formação de uma ala abertamente gay.

O primeiro autor a debruçar-se sobre a trajetória da Fla-Gay foi Pinto (2018), no qual analisou alguns registros de imprensa e a repressão sofrida pelo movimento. Em seguida, Oliveira (2022) ampliou o escopo de análise, incorporando documentos de órgãos de censura e mais edições de jornais de grande circulação.

No mesmo período de voga da iniciativa, também se viu a tentativa de organização de iniciativas paralelas: a Fla-Pagaio e a Fla-Patão. A primeira foi fundada por Carlinhos Cacho que tentou reunir torcedores que frequentavam a discoteca Papagaio, na Lagoa, após o jogo contra o Vasco da Gama no dia 28 de outubro de 1979.

Durante um treino na sede da Gávea, Cacho, inclusive, foi expulso do local por distribuir convites a jogadores do Flamengo para a fundação oficial do agrupamento na

[35] "SER gay é tão normal como a própria vida". **Diário de Pernambuco**, n. 286, Rio de Janeiro, Domingo, 21 out. 1979, p. 47.
[36] CARVALHO, Mílton Costa. Sônia boa de bola. **Placar**, n. 505, Rio de Janeiro, 28 dez. 1979, p. 68.
[37] DISCUSSÃO na TV sobre a 'Flagay' acaba em briga. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 out. 1979, p. 13.
[38] O *Lampião da Esquina* foi um jornal editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais, que inicialmente pretendiam abordar a homossexualidade enquanto construíam alianças com outras minorias sociais, como negros, mulheres e indígenas. O periódico teve grande relevância ao explorar, de forma pioneira, os aspectos políticos, existenciais e culturais da questão homossexual. Circulou entre 1978 e 1981, com um total de 37 edições, chegando a ter tiragens de até 20 mil exemplares distribuídos por todo o país (Fry; Macrae, 1985; Souza, 2013).

referida discoteca. A atitude gerou indignação do supervisor Domingo Bosco, que justificou a expulsão alegando a inadequação da ação em pleno ambiente de treinamento, ainda que o evento ocorresse após o jogo contra o Vasco[39].

Já a segunda foi antecipada em tom de gozação pelo presidente Márcio Braga e a ideia foi aproveitada pela relações públicas Raquel que até formalizou convites de filiação a cantoras famosas da época[40]. Dentre as convidadas, estava a cantora Simone, que é torcedora do time e aceitou participar da organização, o que foi um grande reforço para o movimento[41]. Não foram encontrados registros de sua estreia em estádios.

A influência do movimento rubro-negro também impactou outros clubes do estado, como se viu com a experiência da Fo-Gay, vinculada ao Botafogo de Futebol e Regatas e lançada por Carlos Imperial. Essa iniciativa, porém, foi mobilizada por Imperial apenas para fins midiáticos e não compôs uma organização efetiva.

Os torcedores da Fla-Gay também passaram a contar com a solidariedade de membros das torcidas cruzmaltina e americana, o que se refletiu no surgimento de outras alas gays organizadas na cidade, como a Vas-Gay, vinculada ao Club de Regatas Vasco da Gama, e, posteriormente, a América-Gay, ligada ao America Football Club[42].

Além do universo profissional, o Colégio Futebol Clube, sob a liderança do desportista Manoel, foi o primeiro a ter um grupo associativo de torcedores assumidamente gays no futebol amador do Rio de Janeiro. Após a partida contra o Clube Recreativo Industriários de Bangu (Creib), realizada no campo do Pavunense, em outubro de 1979, a ala celebrou o aniversário do então presidente Osvaldo Fernandes na sede do clube[43].

Em 1979, Francisco Luiz Cavalcanti da Cunha Horta, antigo presidente do Fluminense entre 1975 e 1977, manifestou seu apoio à criação de uma torcida homossexual para o time, destacando sua oposição a qualquer forma de discriminação. Em fala para a edição de novembro do *Lampião da Esquina*, comparou sua atitude favorável à torcida com a postura negativa de dirigentes como Márcio Braga, afirmando que a identidade sexual dos torcedores não deveria importar e que a inclusão de uma torcida gay contribuiria para a beleza do espetáculo esportivo (Pinto, 2018).

[39] TIME quer vingar derrota do returno. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 193, 18 out. 1979, p. 35.
[40] FLA-PATÃO. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, n. 9199, 27-28 out. 1979, Colunão, p. 11.
[41] SIMONE. **Tribuna da Imprensa**, n. 9223, Rio de Janeiro, 24 e 25 nov. 1979, Colunão, p. 11.
[42] MOVIMENTO "gay" ganha adesões no futebol. **Jornal da República**. Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.
[43] TORCIDA gay. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15327, 24 out. 1979, p. 10.

A Fla-Gay passou anos sem ser citada nos jornais até que voltou à ativa em partida contra o Vasco da Gama pela última rodada da Taça Guanabara no dia 05 de maio de 1996. Quatro ônibus foram fretados pelo grupo Atobá para conduzir os homossexuais ao estádio do Maracanã, sob a liderança do técnico em informática Carlos Alberto Migon e o cantor lírico Raymundo Pereira[44].

A segunda geração da torcida, porém, não surgiu apenas com o objetivo de apoiar o Flamengo. Seu propósito principal foi utilizar a visibilidade proporcionada pela mídia em torno da iniciativa para dar destaque ao grupo Atobá, buscando atrair novos associados e doações.

Já em 2016, foi criada uma página no *Facebook* com o mesmo nome, por Maurício Tosta, inspirada na primeira geração do movimento de 1979. Essa terceira geração da iniciativa, embora ainda não tenha conseguido ocupar as arquibancadas, segue se organizando para tornar isso possível em breve.

Todo esse cenário abriu precedentes para a presença de árbitros abertamente homossexuais no Rio de Janeiro, como Jorge José Emiliano dos Santos (1954-1995), mais conhecido pelo apelido de Margarida, famoso por seu estilo extravagante de apitar. Em 1988, estampou a revista *Placar* com o seguinte título: "Margarida: 'Ser Juiz é tudo' O controvertido árbitro carioca assume publicamente a condição de homossexual e se transforma na sensação do campeonato"[45].

A publicização da homossexualidade de Margarida não foi um ato isolado nos anos 1980, mas foi impulsionado por uma coletividade, que ficou conhecida como o "Sindicato". "[...] Não sou hipócrita como muitos. Faço de minha vida o que bem quero. Pelo menos dez árbitros cariocas são gays" (*apud* Esteves, 1988, p. 50). Juntavam-se a Jorge Emiliano outros árbitros e auxiliares do estado abertamente homossexuais, como Valter Senra, o "Bianca", Robson de Oliveira, o "Gazela", e Reinaldo Barros, o "Pinah".

A presença de um árbitro que destoasse da masculinidade hegemônica, porém, não era novidade no futebol carioca. Nos anos 1960, Armando Marques já chamava atenção pelo seu estilo *performativo* de conduzir as partidas. Magro, alto e elegante, utilizava o corpo como extensão do apito, sendo frequentemente alvo de hostilidade das torcidas, que o marcavam com gritos homofóbicos, mesmo sem que tivesse publicizado sua sexualidade.

[44] ME GUSTA mucho. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 1116, jun. 1996, p. 16.
[45] ESTEVES, Marta. Ser juiz é tudo. **Placar**, São Paulo, n. 929, p. 49-51, mar. 1988.

Na década seguinte, o movimento fluminense se expandiu para São Paulo. Em 16 de outubro de 1979, o *Jornal dos Sports* noticiou o surgimento de três grupos associativos de torcedores assumidamente gays no estado: a Fau-Gay, do São Paulo Futebol Clube; a Corin-Gay, do Sport Club Corinthians Paulista, e a Pal-Gay, da Sociedade Esportiva Palmeiras[46].

No mesmo dia, o *Jornal da República* também anunciou a criação da Gayviões da Fiel, outra iniciativa gay no Corinthians. A coluna do jornalista Moacir Japiassu do periódico foi escolhida pessoalmente pelo líder da nova ala, João Bombom, para o anúncio público. Junto a ele, outras famosas figuras da noite paulistana compunham o movimento: Zé Delícia, Nino Chofer, Cara-de-Homem e Princesa[47].

Na baixada santista, o Santos Futebol Clube também contava com sua ala gay: a Baleia Gay. O movimento, porém, foi impedido de entrar no Estádio da Vila Belmiro no dia 20 de outubro de 1979, quando o time jogou contra a Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense em partida válida pela 34ª rodada do Campeonato Paulista[48].

No interior do estado, o movimento também encontrou adeptos. O *Diário da Noite* noticiou a formação da Gua-Gay, vinculada ao Guarani Futebol Clube[49]. Já o *Jornal da República* falava em Bugre-Gay, também vinculada ao clube bugrino[50]. Em São José do Rio Preto, o American Gay, do América Futebol Clube, estreou em Campinas em derrota para a Associação Atlética Ponte Preta no dia 14 de setembro de 1980[51].

Quanto a essa expansão paulista, o carnavalesco Clóvis Bornay, inclusive, teria recebido um telefonema direto de São Paulo para ser padrinho da fundação de outro agrupamento gay do Corinthians, a Fiel-Gay, conforme foi noticiado pela *Folha de São Paulo*[52]. A repercussão da notícia com os outros torcedores do clube foi imediata e negativa[53].

---

[46] GAY em campo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15319, 16 out. 1979, Ataque & Defesa, p. 2.
[47] JAPIASSU, Moacir. Atenção: vem aí os Gayviões da Fiel. **Jornal da República**. Rio de Janeiro, n. 44, 16 out. 1979, Esporte, p. 14.
[48] GALERAS. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15326, 23 out. 1979, Bola no chão, p. 5.
[49] "BALEIA GAY" não pode entrar. Mas, já existe. **Diário da Noite**. São Paulo, n. 16531, 22 out. 1979, p. 18.
[50] MOVIMENTO "gay" ganha adesões no futebol. **Jornal da República**. Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.
[51] ONDE deu pé. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 542, 19 set. 1980, Sem pulo, p. 47.
[52] TANGAS, paetês e serpentina: é a Fla-Gay. **Folha de São Paulo**. São Paulo, n. 18459, 17 out. 1979, Esportiva, p. 26.
[53] A MÁSCARA derrubou Batata. **Jornal da República**. Rio de Janeiro, n. 50, 23 out. 1979, Compacto, p. 15.

Bombom, por exemplo, não gostou da repercussão que o anúncio de Bornay tomou: "(...) Mentira! Mentira! O nome não é esse, é Gayviões, e está até registrado. É muito atrevimento daquela boneca!" (*apud* Japiassu, 1979, p. 16). Disse ainda que não precisava de ajuda do carnavalesco e, se fosse propor uma coligação, seria com a Galo-Gay, agrupamento que estava sendo organizado por Cintura Fina em Belo Horizonte.

Falando em Minas Gerais, outra iniciativa também surgiu no período: a Bra-Gay, do Brazão de Muriaé. No início de 1980, o movimento estava acompanhando o time na maioria dos jogos. Em 7 de março, o *Jornal dos Sports* noticiou sua presença no jogo contra o Tupi Football Club que aconteceria a três dias no Estádio Sales de Oliveira referente ao turno da fase final do Torneio Regional de 1979[54].

A expectativa pelo título era alta e a iniciativa prometia uma grande festa com bolas coloridas, faixas e muita serpentina, conforme noticiado pelo *Jornal dos Sports*[55]. O resultado final, porém, não acompanhou o entusiasmo dos seus aficionados: o título do turno foi vencido pelo Tupi.

Nesse período, a criação de grupos de torcedores gays não ficou restrita a clubes, sendo também estendida a jogadores. Em nota publicada na revista *Placar* em julho de 1982, foi noticiada a tentativa de criação de um movimento gay carioca chamada "Ederetes", em homenagem ao jogador Éder Aleixo. A iniciativa, formada por 16 integrantes, surgiu na Cinelândia (RJ) durante a Copa do Mundo daquele ano para apoiar o atleta.

Contudo, a eliminação da Seleção Brasileira diante da Itália na segunda fase da competição interrompeu os planos do grupo, embora o organizador, Sérgio Pereira, ainda manifestasse a intenção de reunir os torcedores no Estádio do Mineirão em outra ocasião para prestigiar o jogador que atuava no Atlético Mineiro[56].

O Rio de Janeiro também foi palco de outro movimento no final da década: a Peraltas do Fogão, mais uma iniciativa gay vinculada ao Botafogo. O torcedor Floriano Antônio foi até o *Jornal dos Sports* informar a estreia da agremiação no Maracanã em partida válida pelo Campeonato Brasileiro contra o Flamengo no dia 20 de setembro de

[54] HELÊNIO, Mário. Juiz de Fora. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, n. 15356, 7 mar. 1980, p. 6.
[55] HELÊNIO, Mário. Em Juiz de Fora, uma decisão à tarde. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, n. 15358, 9 mar. 1980, p. 6.
[56] VEM aí "as ederetes", a mais nova torcida gay do Rio. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 635, 23 jul. 1982, p. 22.

1989[57]. No dia seguinte, um integrante da Torcida Jovem do Botafogo desmentiu a informação[58].

A expressiva quantidade de grupos associativos de torcedores assumidamente gays na Região Sudeste entre 1977 e 1989 evidencia não apenas a efervescência de movimentos locais, mas também sua força propulsora para experiências semelhantes em outros estados do país. A visibilidade conquistada, mesmo diante da repressão e do preconceito, contribuiu para a inspiração e o surgimento de grupos associativos em outras regiões, como no Distrito Federal , como será abordado na seção seguinte.

Brasília em festa: torcidas sob o céu do cerrado no Centro-Oeste

Com a recente profissionalização do Campeonato Brasiliense, entre os anos de 1979 e 1980, observou-se uma tentativa inédita de organização de organizações gays ligadas aos principais clubes do Distrito Federal. Essas iniciativas refletiram não apenas o entusiasmo de torcedores homossexuais pelo futebol local, mas também uma busca por visibilidade e reconhecimento nas arquibancadas.

Dentre esses movimentos, destaca-se a Gama-Gay, vinculada à Sociedade Esportiva do Gama, sob a liderança Claudio Medeiros, assíduo frequentador da "The Fox Discothèque"[59], também conhecido como "Clôde". As cores da ala eram alviverdes em alusão ao clube e seus componentes portavam vestimentas chamativas e diversos adereços de mão[60].

A iniciativa foi amplamente comemorada por Clóvis Bornay, que, inclusive, disse que poderia se mudar para Brasília caso a agremiação fosse aprovada oficialmente: "Se a Gama-Gay for autorizada, venho rápido de cordões e lantejoulas, podem crer" (*apud* Croc's, 1980, p. 23).

Além disso, o movimento também encontrou ampla receptividade entre as demais torcidas organizadas do futebol brasiliense. Esse ambiente incentivou o surgimento de iniciativas similares nos outros grandes clubes do Distrito Federal,

[57] ANTÔNIO, Floriano. Peraltas do Fogão. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 18809, 29 set. 1989, Bate-bola, p. 2.
[58] LOU. Torcida Jovem. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 18810, 30 set. 1989, Bate-bola, p. 2.
[59] A "The Fox Discothèque" era uma das casas de show mais badaladas de Brasília, sendo um ponto de encontro para os homossexuais da cidade.
[60] CROCODILO lança a Gama-Gay. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6112, 29 out. 1979, Esportes, p. 21.

consolidando uma rede de torcedores gays e outras personalidades de fora do círculo futebolístico[61].

Outras agremiações significativas foram a Céu-Gay, ligada ao Centro de Ensino Unificado de Brasília Esporte Clube, coordenada por Marion Glacê, e a Guará-Gay, associada ao Clube de Regatas Guará, que teve como principal figura "Greta do MEC", conhecida personagem da cena cultural da capital. Completando o grupo, surgiram ainda a Taguá-Gay, organizada por Luquete, figura popular do Chopp Center, e a Plana-Gay, vinculada ao Planaltina Esporte Clube, sob a liderança de Dedete.

No clube colorado da cidade, o Brasília Futebol Clube também contava com o seu agrupamento gay, a Brasa-Gay. Porém, o chefe da torcida organizada do clube, Jorge Moreira, manifestou-se de forma categórica contra a possibilidade de criação da iniciativa. Demonstrando forte oposição à iniciativa, afirmou que qualquer manifestação que sequer sugira um perfil considerado "alegre" seria imediatamente rechaçada[62].

A existência desses movimentos marcou um dos primeiros capítulos da história do futebol profissional brasiliense, no qual torcedores gays buscaram afirmar sua presença e identidade nas arquibancadas. Assim, a breve, mas expressiva experiência dessas iniciativas revela como o futebol pode se tornar palco de disputa por reconhecimento e reinvenção das formas de torcer.

Torja, Ita-Gay e outras iniciativas homossexuais no Nordeste

Em outubro de 1979, o *Diário de Pernambuco*, em tom provocativo, anunciou que Clóvis Bornay estaria preparado para fundar uma nova torcida gay em Recife[63]. Não anunciou, entretanto, nome e nem time, o que levanta questionamentos sobre a veracidade da informação. A realidade é que dois movimentos paralelos e orgânicos surgiram em duas grandes equipes do estado nesse período.

Em 24 de outubro de 1979, a edição 581 da revista *Veja* noticiou a tentativa de criação de uma torcida gay no Sport Club do Recife. Liderada pela travesti Valéria, a Lionsgay buscava marcar presença nos estádios pernambucanos desde o início do ano,

[61] GALERA gays se apresentam. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6125, 12 nov. 1979, p. 15.
[62] CROCODILO lança a Gama-Gay. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6112, 29 out. 1979, Esportes, p. 21.
[63] PENSAMENTO positivo. **Diário de Pernambuco**. Recife, n. 294, 26 out. 1979, p. 12.

porém enfrentava constantes ameaças de agressão por parte do Bafo do Leão, um dos principais grupos de torcedores do clube, o que inviabiliza sua estreia[64].

No ano seguinte, o *Zero Hora* relatou um conflito entre a Torja, agrupamento gay do Clube Náutico Capibaribe, e o treinador da equipe, Pinheiro. O desentendimento começou quando o técnico chamou os integrantes do grupo de "cafajestes" e "vagabundos", acusando-os de apedrejar jogadores na partida anterior. Em resposta, a torcida tentou impedir que os torcedores assistissem aos jogos, enquanto a diretoria do clube se mostrou preocupada e prometeu intervir para resolver a situação[65].

Segundo Anjos (2018), a orientação sexual da iniciativa não foi um fator central no conflito, tendo em vista que a orientação sexual de seus membros não foi tomada como mote para as ofensas proferidas contra os integrantes. Além disso, a liderança do clube demonstrou preocupação em manter a participação ativa desses torcedores, o que demonstra certa valorização de sua presença (Anjos, 2018).

Já em novembro de 1979, o *Diário de Pernambuco* noticiou os bastidores da formação da Ita-Gay, movimento gay do Itabuna Esporte Clube, no sul da Bahia. O colunista social Adilson Cezimbra, idealizador do movimento, informava que a organização já contava com mais de cinquenta integrantes e anunciava que sua primeira atuação oficial estava prevista para 1980, quando o clube mudaria suas cores de alvianil para amarelo e preto[66].

Os torcedores contariam com vestidos longos em paetês e miçangas, além de charanga própria e uma imensa bandeira bordada com detalhes dourados. O movimento, inclusive, encontrou apoio do presidente do clube, Silvio Roberto Brito, que, publicamente, prometeu apoiar a nova iniciativa nas andanças do time durante o Campeonato Nacional do ano seguinte[67].

O mandatário do clube teria garantido até recursos para a estruturação e manutenção da ala, que, já naquele momento, estava sendo dificultada pela reação de diversos setores da comunidade itabunense, sobretudo os tradicionais coronéis do cacau[68]. Até o momento, não foram encontrados registros oficiais de que a ala teria estreado nas arquibancadas brasileiras.

---

[64] JOGO proibido: torcidas gay querem um lugar nos estádios. **Veja**, São Paulo, n. 581, 24 out. 1979, p. 88.
[65] BRIGAS.... **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 46, 28 fev. 1980.
[66] ALA "GAY" da Bahia. **Diário de Pernambuco**. Recife, n. 302, 6 nov. 1979, Últimas notícias, p. 18.
[67] PRESIDENTE apoia a ala da torcida gay. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 23052, p. 5, 6 nov. 1979.
[68] ITABUNA faz ala "gay". **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 212, 6 nov. 1979, Esporte, p. 28.

Junta-se a essa iniciativa, o relato de Rudá (2024) sobre a Bagay (ou Gayba), em que torcedores do Esporte Clube Bahia discutiram a criação de uma iniciativa semelhante no clube. A ideia, no entanto, enfrentou resistência dentro das organizadas locais, gerando desconfortos, ameaças e tensões que impediram sua consolidação. O jornalista Osmar Martins relembra que o radialista Haroldo José, o "Sex Harold", também se interessava em impulsionar o movimento, mas seu falecimento precoce em um acidente de carro acabou interrompendo a iniciativa (Rudá, 2024).

Ao relatar a experiência da Lionsgay, Torja, Ita-Gay e Bagay, espera-se fornecer uma contribuição relevante para a ampliação do debate historiográfico, que aponta para a necessidade de aprofundamento de pesquisas sobre as manifestações de dissidência sexual no esporte brasileiro, sobretudo em contextos regionais ainda pouco explorados.

A experiência manauara: Galo-Gay, Leão-Gay e Pena-Gay no Norte

Se o Nordeste já apresenta relatos pouco conhecidos sobre a formação de grupos associativos de torcedores assumidamente gays, o cenário no Norte brasileiro é ainda mais silencioso. Até o momento, não foram encontrados registros sobre movimentos semelhantes nos clubes da região. A seguir, será apresentado a breve história de três iniciativas que, certamente, mudarão essa perspectiva.

Em abril de 1980, o *Jornal do Comércio* anunciou o surgimento da nova ala do Atlético Rio Negro Clube: a Galo Gay. A notícia, por sua vez, fazia menção à sua presença em jogo do clube em Manacapuru (AM)[69]. O líder da organização era Eurico Carvalho, conhecida personalidade do estado, com apoio de Marcelo Peña.

Ao longo do ano, o periódico também noticiou a presença da ala em outros jogos do time pelo Campeonato Amazonense, como, por exemplo, contra o Sul América Esporte Clube (25/05/1980)[70], o Penarol Atlético Clube (31/08/1980)[71] e em clássico

[69] TORCIDA acompanha o "Galo" nos jogos em Manacapurú. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 22970, 26 abr. 1980, p. 15.
[70] "GALO" armado para chegar lá. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 22994, 25 maio 1980, Esportivo, p. 25.
[71] OS GAYS chegam ao Amazonas. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 541, 12 set. 1980, Sem pulo, p. 36.

contra o Nacional Futebol Clube (05/09/1980 e 03/08/1986)[72]. Também esteve presente em jogo amistoso contra o Vasco da Gama no dia 9 de julho de 1987[73].

Em imagem contida na terceira reportagem citada anteriormente, é possível ler os dizeres "Torcida Organizada Galo Gay" estampados nas arquibancadas do Estádio Vivaldo Lima, o maior do estado naquele momento. A fotografia em preto e branco mostra parte da ala presente, com destaque para a faixa estendida nas fileiras superiores, evidenciando a presença visível e afirmativa de uma iniciativa gay durante a partida.

Eurico Carvalho, líder do movimento, destacou-se como uma personalidade marcante do cenário futebolístico amazonense. Sua atuação ultrapassou os limites das arquibancadas ao organizar caravanas audaciosas de apoio ao time, como nas viagens a Parintins e Maués durante a Copa Integração de 1988. Mesmo diante de desentendimentos internos e preconceitos, Eurico manteve sua dedicação, chegando a vender seu próprio carro para garantir a presença de torcedores nos jogos do clube[74].

Com a criação da "Galo Gay", o Rio Negro promoveu uma transformação no cenário das torcidas amazonenses e fomentou movimentos similares nos outros clubes do estado, o que desembocou em duas outras iniciativas: a Leão-Gay, do Nacional Futebol Clube, e a Pena-Gay, do Penarol Atlético Clube.

A Leão-Gay era liderada por Clemilton Matos. Sua estreia aconteceu no dia 21 de setembro de 1980 em clássico contra o próprio Rio Negro. Na ocasião, os integrantes anunciaram a presença de mais de 200 participantes, inovações na animação das arquibancadas e uma bandeira de 30 metros de comprimento por 15 de largura, destacando-se como uma resposta performática à Galo Gay, do seu rival[75].

A rivalidade entre iniciativas, porém, atingiu outros níveis. Em um episódio de violência entre torcedores, integrantes da Galo-Gay deslocaram-se até a cidade de Itacoatiara (AM) com o objetivo de apoiar o time, mas foram recebidos de forma hostil pela Pena-Gay. O confronto resultou em diversos feridos, incluindo Eurico Carvalho, que precisou ser retirado do local em padiola devido à gravidade das agressões[76].

---

[72] RIO-NAL de festa e atrações. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 23178, 5 set. 1980, p. 25; RECREATIVO define os times do Galo e Naça. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 33983, 2 ago. 1986, p. 21.
[73] TORCIDA "Galo Gay" confirma presença. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 34325, 9 jul. 1987, p. 13.
[74] EURICO vende o carro e reforça "Galo Gay". **Jornal do Comércio**. Manaus, n. 34551, 1 jun. 1988, p. 13.
[75]TORCIDA "Leão Gay" será lançada a 21. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 23178, 12 set. 1980, p. 10.
[76] OS GAYS chegam ao Amazonas. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 541, 12 set. 1980, Sem pulo, p. 36.

Em detrimento da violência, os grupos associativos de torcedores assumidamente gays no Amazonas, não apenas ampliaram a diversidade nas arquibancadas, como também se tornaram agentes ativos na vivência e promoção do futebol local. Suas trajetórias revelam um capítulo relevante da história do Campeonato Amazonense, no qual a expressão identitária se entrelaçou à paixão clubística.

Considerações finais

Entre o final da década de 1970 e os anos 1980, o futebol brasileiro foi marcado por uma efervescência de iniciativas gays em âmbito nacional, se não de uma forma articulada, pelo menos em sintonia. Nesse ínterim, o surgimento de mais de cinquenta grupos associativos de torcedores assumidamente gays, seja no futebol profissional ou no amador, foi noticiado por veículos de imprensa locais e nacionais nas cinco principais regiões do país.

Ainda que não fosse objetivo central deste artigo analisar a imprensa esportiva, ficou constatada nos registros consultados a presença recorrente de discursos homofóbicos e machistas. Em diferentes jornais e revistas do período, a linguagem utilizada para retratar torcedores, jogadores e árbitros reforçava estereótipos de gênero e sexualidade, revelando um contexto estrutural de discriminação que atravessava a cobertura do futebol naquele momento histórico.

Confrontando esses preconceitos, essas alas desafiaram o ideal hegemônico de masculinidade no futebol brasileiro, promovendo visibilidade e enfrentando resistências. A presença de homossexuais nos estádios já existia antes, seja individualmente ou em torcidas convencionais. O que diferenciou esse período, porém, foi a organização coletiva estruturada na vivência pública de uma sexualidade dissidente em torno de um time.

Ao se opor ao padrão normativo baseado no ideal de masculinidade que hierarquiza e rejeita diferentes expressões sexuais, a ação política de grupos excluídos no futebol possibilita que eles criem práticas discursivas que questionem e revelem o caráter artificial dos códigos e restrições nas práticas do futebol. As organizações homossexuais exemplificam essa resistência, ao buscarem uma nova configuração das relações de poder no futebol.

Os resultados obtidos são significativos para fomentar novos estudos sobre experiências em novos contextos pelo Brasil. Espera-se que investigações futuras se beneficiem da ampliação do mapeamento de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no país, aprofundando a análise em estados como Amazonas, Paraná, Bahia e Distrito Federal.

Além disso, reconhecer e analisar a presença desses movimentos em clubes de divisões inferiores e do futebol amador é fundamental para compreender as múltiplas formas de pertencimento e resistência dentro do universo esportivo como um todo. Esses espaços, muitas vezes marginalizados pela cobertura midiática, foram – e continuam sendo – palcos importantes para a expressão de identidades dissidentes e para a disputa de significados no campo simbólico do futebol.

Portanto, ao narrar brevemente esses acontecimentos, esta pesquisa espera contribuir para o fortalecimento de uma historiografia que valoriza a diversidade no futebol. Ao mesmo tempo, reafirma a importância de analisar experiências que, durante muito tempo, foram silenciadas e marginalizadas. Que esse seja apenas o início de novos percursos investigativos sobre as dinâmicas de gênero, sexualidade e identidade nas arquibancadas brasileiras em todas as divisões e regiões do país.

Referências

Fontes

CROC'S. *Correio Braziliense*, Brasília, n. 6288, 11 jan. 1980, p. 23.

ESTEVES, Marta. *Ser juiz é tudo*. Placar, São Paulo, n. 929, p. 49-51, mar. 1988.

FERNANDES, Marisa. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar.* Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Julia Gumieri em 24/08/2017.

FONSECA, Divino. *Para o que der e vier*. Placar. Rio de Janeiro, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.

JAPIASSU, Moacir. *Bombom ataca Bornay*. Jornal da República. São Paulo, n. 46, 18 out. 1979, p. 16.

JOGO proibido: torcidas gay querem um lugar nos estádios. Veja, São Paulo, n. 581, 24 out. 1979, p. 88.

LIMA FILHO, Edson. *Os polivalentes da arquibancada*. Placar. Rio de Janeiro, n. 400, p. 51, 23 dez. 1977.

PARA o que der e vier. Direção de Pedro Guindani. Porto Alegre/RS: Lockheart Filmes, 2016. On-line (26 min.), widescreen, color.

Bibliografia

AIRES, Luísa. *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. *De "são bichas mas são nossas" à diversidade da alegria: uma história da torcida Coligay*. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. *O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay.* In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11., 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: UFSC, 2017.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: UnB, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e Estética*. **S**ão Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.

DAMO, Arlei Sander. *Coligay – o esplendor recuperado*. Ludopédio, 31 ago. 2018.

DE LAURETIS, Teresa. *Queer theory*. Lesbian and Gay Sexuality: An introduction. Differences. A Journal of Feminist Cultural Studies, v. 3, n. 2, 1991.

DIAS, Luciene Oliveira; GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira. *Margaridas e masculinidades no futebol*. Periódicus, Salvador, v. 1, n. 13, p. 233-246, maio/ago. 2020.

DUARTE, Orlando; TURETA, João Bosco. *Corinthians – O time da fiel*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ELIAS, Bruna da Costa; LIMA, Vanessa Wendhausen. *Revista Placar: análise crítica do discurso sobre a primeira torcida gay organizada do Brasil*. Revista Vincci, v. 3, n. 1, p. 45-66, 2018.

FLORENZANO, José Paulo. *"Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1980s"*. *In*: FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo Buarque de (Orgs). The Country of Football: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil. London: Hurst & Company, 2014. p. 147-166.

FRANÇA, Isadora Lins. *"Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual.* Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, p. 104-115, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100006. Acesso em: 12 set. 2025.

FREITAS, Marcel. *Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro.* Revista Digital EFDeportes, v. 8, 2002.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GERCHMANN, Léo. *Coligay: Tricolor e de todas as cores*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GREEN, James. *"O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura"*. *In*: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs). Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 83-123.

GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

GUTERMAN, Marcos. *Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar*. Proj. História, São Paulo, n. 1, v. 29, p. 267-279, dez. 2004.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *A festa e a guerra: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. *In*: Encuentro de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte, 1., 2008, Curitiba. Anais eletrônicos [...]. Curitiba: UFPR, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Buarque. *"O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980"*. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELO, Victor Andrade de. O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, p. 80-106.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. *Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo*. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUCA, Tania Regina de. *"História dos, nos e por meio dos periódicos"*. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional da Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O circuito dos jovens urbanos*. Tempo social, v. 17, n. 2, São Paulo, nov. 2005.

MANDELLI, Mariana Carolina. *Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens*. FuLiA/UFMG [Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes], v. 8, n. 3, p. 155–175, 2023.

MARTINS, Gabriel Sulino. *Violência no futebol: uma análise da práxis do torcer.* Revista Caliandra, Goiania, v. 3, n. 2, p. 167-175, 2024.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, p. 429-440, 2014.

NASCIMENTO, Marcus Jary. *Futebol, sociabilidade e psicologia das massas: ritos e símbolos e violência nas ruas de Goiânia*. Pensar a prática, v. 10, n. 1, p. 99-116, 2007.

MURAD, Maurício. *A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*. São Paulo: Benvirá, 2017.

OLIVEIRA, Letícia Marcela Ferreira de. *A Fla-Gay e as representações dos homossexuais na ditadura militar: uma análise dos periódicos Jornal dos Sports, O Globo e Lampião da Esquina de 1979*. 2022. 122 f. Monografia (Bacharelado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. *Sociabilidades torcedoras: uma análise da forma de torcer em Fortaleza nos anos 1960 e 1970*. *In*: Encontro Estadual de História - ANPUH Ceará, 14., 2014, Limoeiro do Norte. Anais do XIV Encontro Estadual de História. Fortaleza: UECE, 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues. *A "praga" da FlaGay e o "desbunde" guei no futebol brasileiro*. Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 1, n. 4, p. 102-123, 2018.

PINTO, Maurício Rodrigues; ALMEIDA, Marco Bettine. *As torcidas queers em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol*. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, ago. 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Queer nos trópicos*. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, n. 2, p. 371-394, jul.-dez. 2012.

RICH, Adrienne. *"Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence"*. In:

ABELOVE, Henry; BARALE, Michele; HALPERIN, David (Orgs.). The Lesbian Studies and Gay Studies. Nova York: Routledge, 1993. p. 227-254.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. 1968 *Cinquentão: Rebeldia e Integração*. Revista ECO-Pós, v. 21, n. 1, p. 10-29, 2018.

ROLLEMBERG, Denise. *"A ditadura militar em tempo de radicalização e barbárie (1968–1974)"*. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org.). Democracia e ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

ROSOSTOLATO, Breno. *O homem cansado: uma breve leitura das masculinidades hegemônicas e a decadência patriarcal*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2018.

RUDÁ, Onã. *Chegay: sou LGBTriocolor*. 2024. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Salvador (UNIFACS), Campus Tancredo Neves, Salvador, 2024. Disponível em: repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/46051. Acesso em: 12 set. 2025.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Marchi Wanderley. *O futebol de Marta na Revista Placar: recortes de uma história*. Espaço Plural, v. 14, n. 29, p. 298-313, 2013.

SANTOS, Giordano Bruno Reis dos. *"Intelectuais de esquerda e televisão no Brasil dos anos 1970"*. *In*: KUSHNIR, Beatriz (Org.). Maços na Gaveta: reflexões sobre mídia. Niterói: EdUFF, 2009. p. 65-75.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Eduardo Bortolotti. *Maré vermelha: histórias do primeiro grupo homossexual de Santa Maria/RS. 2019*. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2019.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Marcos Alves de. *Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro*. Cadernos pagu, n. 6/7, p. 109-152, 1996.

SOUZA, Rafael de. *"Saindo do Gueto": o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978–1982.* (2013). Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. Rio de Janeiro, Record, 2000.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.